

RESENHA

ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: A INFLUÊNCIA ESTADUNIDENSE NO BRASIL EM 1964

THIAGO FIDELIS*

TAVARES, Flávio. **1964**: O golpe. Porto Alegre: L&PM, 2014.

O livro *1964: O Golpe* é uma obra do advogado e jornalista Flávio Tavares, período no qual ele morava em Brasília conciliando duas ocupações: era professor de Direito na Universidade de Brasília e articulista do jornal *Ultima Hora*. Por conta dessas características, a obra em si é um misto de análise histórica, notícia e memórias. Longe de ser um relato pessoal, o livro possui um enfoque específico: compreender melhor qual foi a participação dos EUA nos acontecimentos que levaram ao fim da democracia no país.

O autor não trilha esse caminho pela primeira vez: em 1999 lançou o livro *Memórias do Esquecimento*, obra na qual fez uma incursão por suas memórias desse período e das consequências para si próprio: preso duas vezes, foi deportado em 1969 para o México como consequência do sequestro do embaixador estadunidense no Brasil Charles Elbrick. Além dessa obra, também publicou outras em que analisou tanto a situação brasileira como a mundial antes de 1964, tais como: *O Dia em que Getúlio*

Vargas Matou Allende (2004), *O Che Guevara que Conheci e Retratei* (2007) e *1961: O Golpe Derrotado* (2012).

O debate sobre os acontecimentos relacionados a 1964 ainda é bastante intenso no país e os lançamentos literários em 2014 demonstram que o tema possui grande alcance editorial na sociedade brasileira, pois foram editados e relançados vários livros sobre o tema. Também na mídia o assunto foi amplamente abordado, com inúmeros debates relacionados principalmente às causas da movimentação e as consequências dos governos militares para o Brasil atual. No caso específico da obra de Flávio Tavares, a temática já havia sido levantada anteriormente – em 2013, seu filho Camilo Tavares lançou o documentário *O Dia que Durou 21 Anos*, abordando exatamente a influência dos grupos estadunidenses na tomada do poder em 1964. As entrevistas contidas no documentário foram feitas pelo autor do livro e boa parte desse material foi transcrita para essa obra. Portanto, *1964: O Golpe* em si não é necessariamente uma continuação, mas sim um complemento do documentário lançado no ano anterior.

Essa abordagem foi incentivada pela liberação do governo dos Estados Unidos de documentação considerada secreta por revelar diálogos e informes referentes aos principais chefes militares e políticos, todos disponíveis no Arquivo da Casa Branca. Não foram todos os documentos divulgados e também muitos não foram publicados integralmente – há vários trechos escritos e áudio censurados. Mesmo com esses cortes, o conteúdo divulgado é extremamente elucidativo em relação a vários aspectos da conduta do país norte-americano frente aos acontecimentos no Brasil no período.

É importante frisar o contexto histórico, aspecto bastante presente na obra: o conflito ideológico e militar entre os EUA e a URSS, chamada comumente de *Guerra Fria*. Embora o nome retratasse que o conflito era indireto, o final da década de 1950 e o início da década de 1960 foi um período bastante quente nesse imbróglio, principalmente pela chamada *Revolução Cubana*. Tal acontecimento foi algo bastante significativo para os EUA, uma vez que, historicamente, Cuba era tratada praticamente como um “estado” e fica a menos de 200 quilômetros de seu território. Assim, a “rebeldia” do novo governo cubano acendeu o sinal de alerta em relação à influência comunista na América Latina.

No início da obra o autor tece um interessante panorama sobre a posse de João Goulart (conhecido como Jango), indicando as dificuldades pelo político ser considerado comunista ou conivente com esses pelos militares. Os temores de um governo com cunho nacionalista (e que, na retórica do período, era próximo ao comunismo) preocupava os EUA. Em 1962, Jango fez sua primeira viagem oficial exatamente para lá e, embora bem recebido, o tom das conversas com o presidente Kennedy não foram amigáveis, uma vez que foi cobrado por medidas mais enérgicas contra os “comunistas” que estariam em seu governo. Nessa mesma visita o embaixador Lincoln Gordon levou Jango para visitar a base militar de Offutt, demonstrando todo o arsenal que os EUA possuíam, em uma tentativa de intimidá-lo.

O golpe em si teria sido planejado de maneira ostensiva. Como exemplo dessa movimentação, Tavares cita a criação do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS), grupo financiado por empresários brasileiros e que também recebia verba dos EUA. Já existiam instituições

como o Instituto Brasileiro da Ação Democrática (IBAD) e essas organizações reuniam um grupo de intelectuais e financiavam cursos, seminários, palestras e livros (além de produzir documentários e propaganda contra o comunismo). As tramas do golpe eram alicerçadas por esses pilares, em contatos constantes tanto com o adido-militar Vernon Walters como com Gordon. No entanto, ainda dentro do exército, o autor destaca outra personagem importante, o general Olympio Mourão Filho. Apontado como “fanfarrão e audaz” na obra, não inspirava confiança nos outros conspiradores e, assim, passou a organizar uma ação liderada por conta própria, uma vez que ele também desconfiava que o Exército não levasse a ação às vias de fato.

O autor também enfatiza que o golpe em si foi algo bastante planejado e não executado, necessariamente, conforme esse planejamento. Embora Tavares situe outras tentativas de golpe nos anos 1950, a busca pelo impedimento da posse de Jango em 1961 teria sido, de fato, o pontapé inicial para o golpe que ocorreu em 1964, uma vez que a partir do *Parlamentarismo*, vários setores militares começaram a se movimentar em campanha contra o recém-empossado presidente.

Como exemplo dessa movimentação, Tavares cita a mudança do militar Golbery do Couto e Silva, que passou voluntariamente a reserva (manteve vínculo com o exército, mas sem possibilidade de exercer comando). O autor indica que tal aspecto, a primeiro momento, foi encarado com surpresa já que Golbery era um dos principais nomes da Escola Superior de Guerra (ESG – centro de formação intelectual do Exército) e destaque entre os intelectuais militares que formavam a opinião dos militares.

Tavares repete várias vezes durante a obra uma frase atribuída a Walters em que ele dizia que era necessário “criar a sensação de medo” e é nesse sentido que Tavares conduz sua interpretação. A partir de 1962 vários diálogos entre o presidente e os altos comandos militares passaram a ser gravadas na Casa Branca. Boa parte dos áudios demonstrados no documentário *O Dia que Durou 21 Anos* e vários dos documentos liberados estão como apêndice no livro. No primeiro diálogo acessado, Gordon foi bem enfático ao pedir uma ação militar no Brasil ao presidente Kennedy. Embora não considere Jango como um comunista, o embaixador demonstra um constante temor que o presidente poderia tentar instalar um governo nos moldes do peronismo.

Após o assassinato de Kennedy em 1963, a tensão política nos EUA ficou ainda mais intensa e tal aspecto teria tido consequências no Brasil – o autor indica que um grupo militar teria apresentado um plano para dar fim à vida de Jango, mas Walters não teria aceitado, pois feria os seus “princípios cristãos” e transformaria o presidente em mártir. O novo presidente, Lyndon Johnson, era mais enfático em relação ao anticomunismo e, além disso, no início de 1964, Jango assinou a lei que controlava a remessa de lucros de empresas estrangeiras, o que alarmou ainda mais os EUA.

Jango encaminhou para o Congresso um texto propondo reformas na Constituição e essa ação serviu como munição para os conspiradores. Em 19 de março, foi organizada a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* como um contraponto ao Comício do Central do Brasil, ato no qual Jango fizera um discurso bastante inflamado defendendo as mudanças na Constituição. Tal marcha contou com algo em torno de

500 mil participantes e congregou os grupos civis contrários ao “perigo” do comunismo. É nesse contexto que o golpe ganha formas concretas, embora não para ser deflagrado na data em que ocorreu. Principalmente a partir da *Marcha*, as conversações em relação à uma ação militar passaram a se intensificar e é aí que a *Operação Brother Sam* ganha corpo, com o planejamento e envio de, entre outras coisas, armas, barris de petróleo, bombas, submarinos e até um porta-aviões para uma possível reação do governo (esse material não viria diretamente dos EUA e nem teria identificação, procurando isentar o país norte-americano da participação direta).

Tavares inicia a última parte da obra indicando que o golpe foi orquestrado como uma “sinfonia macabra” em quatro movimentos ou compassos: Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre. A ação impetuosa de Mourão Filho em 30 de março foi o início: embora fora da organização do golpe, o militar estava próximo da reserva e, após a crise da Marinha (vários militares fizeram uma greve por questionarem as condições de trabalho e seus superiores e, mesmo a pedido da alta patente militar, não foram punidos por Jango) o general mineiro não teve dúvidas e, com o apoio do governador Magalhães Pinto, marchou com suas tropas rumo ao Rio de Janeiro, iniciando a rebelião. Segundo as documentações, não houve participação do grupo golpista nesse ato: foi mais um rompante de Mourão Filho do que uma ação coordenada, que acabou deflagrando toda a movimentação a nível nacional.

No Rio de Janeiro, todos receberam as informações estupefatos: os próprios militares estavam surpresos com a atitude, assim como Gordon. Esse passou a se reunir com as lideranças militares e civis para

avaliar a movimentação, recebendo nomes incluindo o ex-presidente e candidato novamente à presidência, Juscelino Kubitschek, que no dia 31 de março reuniu-se com o embaixador dizendo que romperia com Jango, uma vez que na conversa que tivera com o presidente tentara convencê-lo de fazer uma declaração contra os comunistas e o perigo de um governo com influência soviética no Brasil, e o líder do Executivo recusara, alegando que tal ato seria um sinal de fraqueza.

Jango perde seus apoios militares (os ministros e as principais lideranças no Rio de Janeiro voltavam-se contra sua figura) e, reticente em relação a qual ação tomar, encaminhou-se para Brasília junto com alguns ministros e assessores especiais. Ao chegar à capital, Jango avaliara que, de fato, havia pouco apoio: muitos mudavam de lado ao sabor dos acontecimentos. As tropas do Rio de Janeiro e de São Paulo (com apoio de seus governadores) também aderiram à marcha da tropa de Mourão e o golpe ganhava mais força. Na madrugada do dia 31 de março para o dia 01 de abril, foi convocada uma sessão extraordinária na Câmara após Jango ter deixado Brasília e viajado a Porto Alegre. Lá, o senador Auro de Moura Andrade (desafeto de Jango e membro do Partido Social Democrata, o maior da época) não instituiu uma votação, mas apenas declarou que o cargo de presidente estava vago, uma vez que Jango teria deixado o Brasil (o que não era verdade). Sob aplausos, vaias e muita inquietação, o golpe consolidava-se pelas vias institucionais.

Em Porto Alegre, Jango até tomou atitudes que poderiam ser interpretadas como resistência ou contragolpe, mas, no fim das contas, acabou não reagindo. Após algumas poucas movimentações, retirou-se com a família para São Borja e, dali, foi para o Uruguai. No caso dos

EUA, celebraram todos esses acontecimentos rápidos e, o principal: sem ter a necessidade de ter usado todo o armamento separado para uma possível ajuda aos militares (dias depois, membros do governo quiseram jogar a conta dessa movimentação – algo em torno de 20 milhões de dólares – para o governo brasileiro pagar. Tal proposta foi rechaçada por Gordon, por temer que esse impacto desestabilizasse o novo governo que assumira o poder). Embora fosse Mourão Filho que tenha iniciado a movimentação, após a saída efetiva de Jango o grupo que estava organizando o golpe de fato tomou a frente e, em uma eleição indireta em 11 de abril, foi eleito o nome que já era considerado por Gordon e Walters como o líder ideal para o país, o general Castello Branco, considerado uma pessoa sensata e que poderia conduzir o governo até 1965, quando o novo presidente civil assumisse.

Em um campo com vasta bibliografia, desde a análise de jornalistas como Élio Gaspari (cuja série, em 5 livros, revisitou alguns dos pontos cruciais do período) até de historiadores já consagrados na área, como Carlos Fico (*O Grande Irmão e O Golpe de 1964*), Jorge Ferreira (*João Goulart – uma Biografia*), Marcos Napolitano (*1964: História do Regime Militar Brasileiro*) e Rodrigo Patto Sá Motta (*Em Guarda Contra o Perigo Vermelho e As Universidades e o Regime Militar*), a obra de Flávio Tavares traz um contributo fundamental ao analisar, de maneira detalhada e envolvente, um aspecto bastante comentado, mas ainda pouco debatido, que foi a participação do governo estadunidense na crise política brasileira, bem como na construção da estrutura ditatorial no país sul-americano.

Por fim, a última parte da obra é destinada a transcrição de alguns documentos citados tanto no livro quanto no documentário, traduzidos. Em linhas gerais, a obra *1964: O Golpe* reafirma de maneira bastante incisiva a tese de que os Estados Unidos não só colaboraram, mas também ajudaram a construir o ambiente que deu base para a retirada de Jango do poder e para a ascensão militar. Por mais que a obra mescle elementos de análise com memórias do autor (e algumas passagens de cunho pessoal de várias personagens envolvidas), ainda assim é um livro extremamente importante para pensar e repensar os ecos desse fato histórico tão presente em nosso cotidiano.

Notas

* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e pela Universidade de Coimbra (Portugal). Docente da União das Faculdades dos Grandes Lagos (UNILAGO). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0406-1559>.